
Ensaio sobre a Origem das Línguas, de Jean-Jacques Rousseau. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998, 198 pp.

A última tradução para a língua portuguesa do *Essai sur l'origine des langues* de Jean-Jacques Rousseau, de 1998, aparece em uma edição de 198 páginas, 102 das quais dedicadas a uma apresentação, um ensaio, de Bento Prado Jr.: “A força da voz e a violência das coisas”. Esta apresentação, que não trata em absoluto de questões filológicas, é leitura para não-leigos (lingüistas, filósofos, literatos) e tenta circunscrever, no sistema de pensamento do filósofo das luzes, o lugar, o estatuto e a originalidade da sua teoria da linguagem. A ausência de um comentário filológico, desejável num texto como este, é sanada, em parte, remetendo o leitor a edições críticas em língua estrangeira (francês e italiano). Também é lembrada, para este efeito, a primeira tradução brasileira do texto (1958), incluída nas *Obras Completas* de Rousseau, que ficou inacabada, pela extinta Editora Globo. Esta primeira tradu-

ção, de Lourdes Santos Machado, conta com uma introdução de Paul Arbousse-Bastide e notas de Lourival Gomes Machado e foi reproduzida em edição de 1978 na Col. Os Pensadores, da Abril Cultural. Ao que tudo indica, esta mesma tradução foi reeditada algumas vezes, primeiro pela Abril Cultural e depois, já na década de noventa, pela Nova Cultural. Resta dizer que o leitor brasileiro pode contar ainda com uma edição portuguesa, de 1981 (Lisboa: Editorial Estampa). Todas as edições brasileiras do *Essai* aparecem junto a outros textos de Rousseau (*Du Contrat Social*, *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*, *Discours sur les sciences et les arts*). A primeira vez que este texto conhece edição individual é nesta tradução de Fulvia M. L. Moretto.

A apresentação de Bento Prado Jr. que, segundo o próprio autor, *também* (grifo do autor) pode ser lida como uma introdução ao *Essai* é amplamente anotada, enquanto o texto de Rousseau em si conta apenas com as notas originais, o que pode dificultar a leitura. Em certas passagens, o texto necessita de notas explicativas (cf. por exemplo página 114). Certo,

não é uma edição crítica, mas o leitor não dispõe nem da referência do texto original a partir do qual se fez a tradução (razão pela qual escolhemos duas edições francesas confiáveis para as necessárias comparações: ROUSSEAU, J.-J. (1970) *Essai sur l'Origine des Langues*. Bordeaux: Ducros e ROUSSEAU, J.-J. (1983) *Essai sur l'Origine des Langues: chapitres I a IX e chapitre XX*. Paris: Hatier). Ora, sendo esta a primeira edição individual do texto setecentista em língua portuguesa, iniciativa que supõe um interesse particular e um desejo legítimo de tornar este texto de Rousseau mais conhecido entre nós, além da especificidade do público a que se destina, a ausência de notas críticas é lamentável. Outras particularidades desta edição chamam a atenção do leitor atento: na capa, figura apenas o título, sem o subtítulo que o acompanha desde sempre. Já a apresentação de Bento Prado Jr. divide as atenções com o próprio *Essai*, merecendo destaque na segunda folha de rosto. A primeira impressão registra dois textos independentes, de mesma relevância para esta edição específica. Mas o texto de Prado Jr. pretende ser uma apresentação ao texto de Rousseau. Apesar disso,

a complexidade dos temas ali abordados e o estilo acadêmico do texto têm um efeito contrário, desencorajando o leitor que se vê face a face com Rousseau e sua teoria da gênese das línguas humanas sem nenhuma contextualização temática ou histórica.

O *Essai sur l'origine des langues* é um texto polêmico, cuja publicação póstuma data de 1781. Ignora-se a data exata de sua redação e a importância que lhe atribuía o autor. Não sem polêmica, especialistas situam a data de redação definitiva do *Essai* entre 1753 e 1756. Da pena do próprio Rousseau, sabe-se que o *Essai* nasce esboçado no famoso *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes* do qual será depois excluído (“trop long et hors de place”), servindo, mais tarde, como ponto de partida para um texto independente. Em um projeto de prefácio para um livro que agruparia o *Essai* e outros escritos, Rousseau lembra as circunstâncias de composição do texto, suas dúvidas quanto a publicá-lo separadamente ou não e sua intenção de utilizá-lo como uma resposta às críticas de J. -Ph. Rameau com relação aos verbetes sobre música por ele redigidos para a Enciclopédia (cf. edição crítica

do *Essai* de 1970, com prefácio e notas de Charles Porset e edição de G. Ducros, Bordeaux). Não obstante, os especialistas ainda não chegaram a um acordo sobre sua gênese.

Para Rousseau, a aparição da língua se dá com o desejo de comunicar a um outro seu pensamento. E sua originalidade está em não ser a necessidade a força que impulsiona esta aparição. Sua linguagem não tem fins utilitários, mas nasce das paixões: *não foi a fome nem a sede mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera que lhes arrancam* (dos homens) *as primeiras vozes* (1998: 117). Antes de serem exemplos acabados de um sistema lógico-gramatical (como quer a lingüística “científica” desde a Idade Média), as línguas foram cantantes e apaixonadas. Daí a identidade colocada entre fala e música e a razão de o *Essai* também ser um tratado sobre a melodia. A fonte de inspiração primeira de Rousseau foi Condillac, com seu *Essai sur l'origine des connaissances humaines*, no qual defendia a idéia de que as primeiras falas seriam constituídas por inflexões vocais orientadas para a ação: advertência, pedidos de ajuda, gritos de dor ou felicidade (algo que equivaleria, em certa

medida, à hoje chamada *função conativa* da linguagem). Condillac dotava essas inflexões de variações musicais de timbre e altura. Rousseau, como Condillac, defende a hipótese de que as primeiras línguas tenham soado como melodias. É esta gênese, o caminho da linguagem-música à linguagem articulada, forçado pelas sociedades tornadas complexas, que Rousseau nos faz percorrer em seu *Essai*.

Mas uma análise deste texto tornado célebre tardiamente não é nosso objetivo aqui. Penso aqui, principalmente, em Derrida e no seu já clássico *De la grammatologie* de 1967 e no não menos famoso *Les mots et les choses* de Foulcaut (1966). Levi-Strauss (1962) também inspira-se no *Essai* para o texto *J.-J. Rousseau, fondateur de sciences de l'homme*. Esta resenha propõe-se apenas ao modesto exercício de analisar alguns pontos da tradução realizada por Moretto que, pela complexidade do tema e a originalidade das idéias de Rousseau (apesar de mais de dois séculos nos separarem de sua primeira edição), longe está de uma empreitada fácil.

O *Essai* é composto de vinte capítulos, em sua maioria bastante pequenos (alguns comportam

apenas dois ou três parágrafos), cada um abordando um tópico específico relacionado ao assunto central. Alguns são claramente articulados, outros podem ser lidos com alguma independência.

Em termos de seleção lexical, o todo é bastante coerente, resguardando um certo estilo precioso adequado ao original. Muitos leitores não poderão dispensar o dicionário ao encontrarem termos como “lustros”, “astrágalo”, “efígie” ou “messe”, o que, neste contexto, não é propriamente um defeito. Em outras passagens, o literalismo desvirtua o sentido do texto original. É o caso de *le génie des langues* (págs. 41, 67) traduzido por “o gênio das línguas” (págs. 116, 128) em lugar de “o espírito das línguas” ou “o caráter das línguas”. Há ainda *la durée des peuples* (pág. 61), traduzido por “a duração dos povos” (pág. 126) quando “a antigüidade dos povos” seria mais adequado. Do ponto de vista semântico, encontramos algumas combinações insólitas como a escolha de traduzir “une autre émotion” (pág 35) por “uma emoção bem melhor” (pág. 113). Tais pontos não chegam, no entanto, a comprometer o todo. Há, porém, ainda em relação à seleção vocabular, uma característica da

tradução de Moretto, que atravessa o texto, e não só por isso é importante (o item lexical em questão é fundamental para o entendimento de tópicos centrais, cf. capítulos IV, V e VII): traduzir *voix* (voz, vozes) por “vogais”. Esta escolha acaba comprometendo sensivelmente a compreensão das idéias do autor:

Quiconque étudier la histoire et le progrès des langues verra que plus les voix deviennent monotones plus les consonnes se multiplient, et qu’aux accents qui s’effacent, aux quantités qui s’egalisent, on supplée par des combinaisons grammaticales et par des nouvelles articulations [...] (pág. 55)

Quem quer que estude a história e o progresso das línguas verá que, quanto mais as vogais se tornam monótonas, mais as consoantes multiplicam-se e que os acentos que desaparecem, as quantidades que se igualam são substituídas por combinações gramaticais e por novas articulações [...] (pág. 123)

Quando Rousseau quer falar de vogais em seu texto, ele utiliza o termo *voyelle* sem nenhuma ambigüidade. Em algumas passagens

o texto original não deixa dúvidas, aparecendo inclusive os dois termos, *voix* e *voyelles*, num mesmo parágrafo ou frase:

Comme les voix naturelles sont inarticulées, les mots auraient peu d'articulations; quelques consonnes interposées effaçant l'hiatus des voyelles suffiraient pour les rendre coulantes et faciles 'a prononcer. En revanche les sons seraient très variés, et la diversité des accents multiplieraient les mêmes voix. (pág 51)

E mesmo em trechos como este a tradutora escolheu utilizar o termo “vogais”, tanto para *voix* quanto para *voyelles*, indistintamente:

Como as vogais naturais são inarticuladas, as palavras teriam poucas articulações; algumas consoantes interpostas, eliminando o hiato das vogais, bastariam para torná-las correntes e fáceis de pronunciar. Em compensação, os sons seriam muito variados e a diversidade dos acentos multiplicaria as mesmas vogais; (pág. 121)

Em outros momentos, *voix* recupera seus correspondentes mais óbvios (voz, vozes), sem que con-

sigamos delinear a lógica desse sistema de escolhas. Muito embora a tradução de *voix* não seja, por vezes, transparente ou fácil, pela própria complexidade do tema tratado (em algumas passagens, por exemplo, talvez fosse mais apropriado traduzir o termo por “fala”) surpreende a inconsistência das escolhas e a alternância surpreendente entre “vozes” e “vogais” para traduzir o mesmo termo. No capítulo V, por exemplo, intitulado “Da Escrita”, *voix* é traduzido por “vogais” enquanto *organe* (“órgão”, aqui fazendo referência inequívoca aos órgãos fonadores) é traduzido por “voz”. O texto de Rousseau, não obstante, é claro: trata-se aqui da maior ou menor sensibilidade do falante em perceber as possíveis nuances no chamado espaço vocálico, diferenças essas incorporadas fonologicamente ou não pelas línguas, com conseqüências para o estabelecimento da escrita. E a sensibilidade do órgão fonador será maior ou menor em função da utilização ou neutralização de tais diferenças em sua língua.

Do ponto de vista sintático, algumas passagens mereceriam uma revisão mais cuidadosa, principalmente no que concerne à tradução de pronomes. De fato, construções

anafóricas cujos referentes são mal recuperados acabam por truncar períodos inteiros. Apenas dois exemplos:

Ceux qui ne comptent que cinq voyelles se trompent fort: les Grecs en écrivaient sept, les premiers Romains six, Mrs. de Port-Royal en comptent dix, M. Duclos dix-sept, e je ne doute pas qu'on en trouvât beaucoup davantage [...] (pág. 65)

Os que possuem apenas cinco vogais se enganam muito: os gregos escreviam sete, os primeiros romanos, seis: os Senhores de Port-Royal possuíam dez, o Sr. Duclos, 17; e não duvido de que não se pudesse encontrar ainda mais [...] (pág. 127)

Nesta passagem, o pronome *en* tem como referente o termo *voyelles* imediatamente anterior. A elipse do verbo, um recurso perfeitamente normal em francês assim como em português, torna também elíptico o pronome que o acompanha, como o testemunha a construção: *les premiers Romains six*. No trecho seguinte (*Mrs. de Port-Royal en comptent dix, M. Duclos dix-sept*), no entanto, o *en* refere-se a *voyelles*, o que foi ig-

norado na tradução e, por alguma razão, o verbo *compter* (“contar”) foi traduzido por “possuir”, alterando consideravelmente o sentido original da passagem. Arrisco aqui uma explicação: não recuperando o referente de *en* na expressão *en comptent*, a tradutora preferiu traduzi-lo por “contam com”, que em português pode ser equivalente a “possuem”. Sabemos que Mrs. de Port-Royal, ou seja A. Arnauld e C. Lancelot, autores da famosa *Grammaire générale et raisonnée* (1660), mais conhecida como *Grammaire de Port-Royal*, e seu comentador, Charles Pinot Duclos, não poderiam “possuir” vogais, senão contá-las ou atestá-las. Dois outros exemplos para encerrarmos nosso exame desta tradução:

En devenant fugitif Caïn fut bien forcé d’abandonner l’agriculture; la vie errante des descendants de Noé dut aussi la leur faire oublier; (pág 97)

Ao tornar-se fugitivo, Caim foi de fato forçado a abandonar a agricultura; a vida errante dos descendentes de Noé também deve ter-lhe feito esquecer. (pág 142)

O exemplo acima comprova o quanto a recuperação equivocada

do referente do pronome *leur* - no caso, *os descendentes de Noé* e não *Caim*, como quis a tradutora – compromete todo o sentido da passagem. Além disso, a não-consideração do pronome *la*, referindo-se a *agricultura*, acaba por tornar a tradução sem sentido. O trecho toma seu sentido, como não poderia deixar de ser, em relação ao contexto maior do parágrafo no qual se insere, sendo um argumento a favor do que Rousseau tenta provar: que os primeiros homens não foram agricultores. Assim, traduzindo adequadamente os pronomes e seus referentes teríamos: “[...] a vida errante dos descen-

dentes de Noé deve também ter-lhes feito esquecê-la”.

Enfim, como encerrar esta resenha que acabou por levantar problemas importantes na tradução examinada? Não há dúvida de que a tradução de textos fundamentais, como este de Rousseau, merece todo o estímulo de especialistas e leitores que, por razões diversas, não têm acesso a edições em língua estrangeira. Reconhecendo o valor e a importância do trabalho de tradução já realizado, esperamos que os problemas aqui apontados já tenham sido alvo de revisão, para o bem de futuras edições.

Claudia Borges de Favari
UFSC